



Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas – NEABI

Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais

Possibilidades para uma educação antirracista: diálogos motivados pela inserção de livros infantojuvenis com personagens negros(as) no ambiente escolar

Bárbara Oliveira Goulart Belo

Ouro Preto

2023

Bárbara Oliveira Goulart Belo

Possibilidades para uma educação antirracista: diálogos motivados pela inserção de livros infantojuvenis com personagens negros(as) no ambiente escolar

Trabalho de Conclusão do *Curso de Pós-graduação Lato Sensu* em Educação das Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para a obtenção do título de especialista em educação para as relações étnico-raciais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Carla Sacramento

Ouro Preto

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B452p Belo, Barbara Oliveira Goulart.

Possibilidades para uma educação antirracista [manuscrito]: diálogos motivados pela inserção de livros infantojuvenis com personagens negros(as) no ambiente escolar. / Barbara Oliveira Goulart Belo. - 2023. 35 f.: il.: color., tab.. + Fotografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Educação e Tecnologia.

1. Literatura infantojuvenil. 2. Negros na literatura. 3. Negros - Identidade racial. 4. Antirracismo. I. Sacramento, Cristina Carla. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 376.7

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Bárbara Oliveira Goulart Belo

Possibilidades para uma educação antirracista: diálogos motivados pela inserção de livros infantojuvenis com personagens negros(as) no ambiente escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Educação das Relações Étnico Raciais: História e Cultura Afro-brasileira e Indígena da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Aprovada em 28 de março de 2023

Membros da banca

Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Msc. Adelina Malvina Barbosa Nunes – Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Patrícia Maria de Souza Santana - Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Cristina Carla Sacramento, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/01/2024



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Carla Sacramento, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/01/2024, às 20:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0655730** e o código CRC **A2A84EC9**.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma prática pedagógica desenvolvida por meio de um projeto que inseriu livros literários com protagonistas negros, de forma positiva, no que diz respeito aos seus traços físicos, sua cultura e história, para crianças do 5º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, e os desafios encontrados para sua execução. Para tanto, foi utilizado o método de relato de experiência, articulado à análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP). Como referencial teórico, os (as) autores (as) Cavalleiro (1998); Evaristo (2009); Gomes (2002, 2003 e 2005); Lima (2005); Munanga (2009); Oliveira (2020); Sousa (2005); foram fundamentais para mobilizar as análises e reflexões. Os resultados mostraram que houve impacto positivo na forma das crianças compreenderem a diversidade étnico-racial e na maneira como se vêem e se posicionam sobre sua própria identidade. Foi possível constatar, ainda, que a obrigatoriedade para inserção de conteúdos da História e Cultura Afro-Brasileira é cumprida, porém, para uma educação antirracista, é necessário que o Projeto Político Pedagógico e também a comunidade escolar, se comprometam com a valorização da cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil; identidade negra; relato de experiência; educação antirracista

ABSTRACT

This paper aims to present a pedagogical practice developed through a project that introduced literary books with Black protagonists, portrayed positively regarding their physical traits, culture, and history, to 5th-grade elementary school children. The paper also discusses the challenges encountered in its implementation. The experience report method was employed, in conjunction with a documentary analysis of the Pedagogical Political Project (PPP). Theoretical references, including Cavalleiro (1998), Evaristo (2009), Gomes (2002, 2003, and 2005), Lima (2005), Munanga (2009), Oliveira (2020), and Sousa (2005), were essential in guiding the analysis and reflections. The results indicated a positive impact on children's understanding of ethno-racial diversity and on how they perceive and position themselves regarding their own identities. Additionally, it was found that while the mandatory inclusion of Afro-Brazilian history and culture content is met, for an anti-racist education, it is necessary that both the Pedagogical Political Project and the school community commit to valuing Afro-Brazilian culture.

Keywords: Children's and young adult literature; black identity; experience report; anti-racist education

Sumário

Introdução.....	4
1. A estrutura escolar e o perfil racial da comunidade de Coronel Fabriciano (MG)	8
2. Os protagonistas da prática	11
3. Abordando as relações étnico-raciais por intermédio da literatura.....	14
4. Os desfechos promovidos pelos debates	22
5. Precisamos questionar o sistema (resultados)	25
6. Considerações finais.....	30
7. Referências.....	33

Introdução

Este trabalho¹ tem como objetivo apresentar uma prática pedagógica desenvolvida por meio de um projeto que inseriu livros literários com protagonistas negros, de forma positiva, no que diz respeito aos seus traços físicos, sua cultura e história, para crianças do 5º Ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, e os desafios encontrados para sua execução. Tais atividades foram realizadas no âmbito das disciplinas de Arte e Língua Portuguesa, por meio da subdisciplina² “Incentivo à Leitura”, entre os meses de setembro e novembro do ano de 2022, em uma escola municipal, na cidade de Coronel Fabriciano/MG.

A prática apresentada neste trabalho foi mobilizada após diversas observações de situações que ocorriam no âmbito escolar, em que as crianças, de modo geral, demonstravam pouco conhecimento em relação à diversidade racial e cultural, e as crianças negras, especialmente, pouco conheciam sua ancestralidade e valorização de sua negritude.

Nesse sentido, tornou-se necessário analisar a implementação da Lei nº 10.639/2003 que estabeleceu, para as instituições escolares, a obrigatoriedade do ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, em seu currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História brasileiras. Segundo a referida Lei:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negrabrasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003).

¹ Relato de experiência.

² A subdisciplina “Incentivo à Leitura” foi uma metodologia introduzida por mim às aulas de Língua Portuguesa e está vinculada diretamente a essa disciplina. Este método foi fundamental para organização do conteúdo e do horário, tendo em vista que as crianças teriam este tipo de atividade semanalmente, sendo necessário incorporá-la a nossa rotina de estudos.

Entretanto, é importante destacar que ainda que haja a obrigatoriedade do estudo da "História e Cultura Afro-Brasileira" determinada pela lei, o que observo através da minha experiência profissional, é que a temática é pouco abordada nos diversos espaços da escola, salvo nos conteúdos que já são elencados nos livros didáticos.

Embora a escola receba os livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), na rede municipal de ensino de Coronel Fabriciano/MG, desde o ano de 2017, os livros didáticos que são utilizados, efetivamente, pertencem ao Sistema Aprende Brasil, do Sistema Positivo de Ensino.

No ano de 2022, os conteúdos foram distribuídos em quatro bimestres, onde os alunos receberam uma apostila para cada um, contemplando as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Arte e Inglês.

No decorrer do ano letivo, através da disciplina de História, os livros didáticos trouxeram a temática de História e Cultura Afro-Brasileira, apresentando em seus textos e atividades temas/conteúdos que relacionam-se ao contexto africano através de assuntos como: O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos; As tradições orais e a valorização da memória; O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias; Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas; Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

Inicialmente, observei que o material didático estava em consonância com o que a lei determina, contudo, percebendo o cotidiano das crianças e como elas estavam se relacionando consigo mesmas e com os outros sob a perspectiva étnico-racial, considerei que esses conteúdos eram insuficientes para valorizar as identidades negras que ali estavam.

Nesse sentido, é importante destacar as contribuições de Gomes (2002, p. 39) que, ao abordar a educação que acontece no interior da instituição escolar, destaca que a escola é “um espaço em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como

preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.”

Isso permite afirmar que o ambiente escolar deve estar preparado para a formação acadêmica, social e cultural dos indivíduos, inclusive sobre a questão racial, uma vez que os protagonistas deste processo de formação, as crianças, originam-se de culturas e vivências distintas. Essas crianças possuem características diversas que devem ser abordadas a partir de visões positivas, a fim de promover práticas conscientizadoras e de valorização da diversidade cultural e histórica do nosso país.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), documento que visa orientar e promover princípios e fundamentos para uma educação que auxilie na construção de nação democrática, com cidadãos conscientes da pluralidade do Brasil, também aborda o papel da escola na educação das relações étnico-raciais:

A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola. (BRASIL, 2004, p. 13).

Ainda sobre o papel da escola na formação dos indivíduos, principalmente na formação da identidade negra e na formação de futuros cidadãos, que serão essenciais para a construção de uma sociedade antirracista, Gomes (2002, p. 9) acrescenta:

(...) a escola pode ser considerada como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Assim, compreendendo que o ambiente escolar pode contribuir para a valorização

das identidades negras e a formação de uma sociedade capaz de combater qualquer tipo de preconceito e discriminação, compartilhar as reflexões geradas a partir da prática desenvolvida por mim, é sobretudo, um compromisso com uma educação antirracista.

E para tanto, o relato de experiência foi a metodologia selecionada para essa abordagem. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021, p.65) o relato de experiência é:

(...) um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

Dessa forma, o presente trabalho apresenta a prática pedagógica desenvolvida por mim e também os seus desdobramentos na percepção das crianças em relação ao seu pertencimento racial, as temáticas como racismo e preconceito, bem como, aponta as dificuldades encontradas no percurso, tanto material, quanto no acolhimento da proposta.

Além de apresentar a prática e seus desdobramentos, a pesquisa que resultou no presente trabalho realizou uma análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, com vistas a verificar se os registros discutem a temática apresentada aqui, uma vez que a prática ocorreu no âmbito escolar, sendo necessário analisar os documentos que as embasam, como também, identificar em que medida a escola está comprometida com a difusão cultural afro-brasileira e com uma educação antirracista.

Nesse sentido, o presente trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente serão apresentados a estrutura escolar e os aspectos demográficos da comunidade em que a escola está inserida, através de dados disponibilizados no Censo Demográfico (2010), buscando ampliar o conhecimento sobre o meio em que as crianças estão inseridas. São abordadas, também, informações sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP).

Em seguida, serão apresentadas as informações sobre as crianças, tais como suas características étnico-raciais e quais foram as observações que me levaram à realização desta prática. Depois, apresentarei a prática, os livros utilizados e as dificuldades encontradas. Por fim, apresentarei os resultados e algumas reflexões acerca deles.

1. A estrutura escolar e o perfil racial da comunidade de Coronel Fabriciano (MG)

Neste trabalho, procurou-se compreender a relação estabelecida entre a escola e o contexto social no processo de construção da identidade das crianças. Um primeiro elemento a ser destacado é que a escola em que o projeto foi desenvolvido pertence à rede municipal de Ensino da cidade de Coronel Fabriciano/MG e se localiza na área urbana.

De acordo com dados registrados no Censo Demográfico (2010), a referida cidade é constituída por 103.694 mil habitantes. Na *Amostra – Características da População - Pessoas Residentes em Domicílios Particulares*, 37% dos fabricianenses se declararam como brancos, 51,3% como pardos, 10,7% como pretos e 1% como amarelos ou indígenas. Isso nos mostra que somados, pardos e pretos chegam ao quantitativo de 62% de toda população da cidade. Em outras palavras, a população da cidade de Coronel Fabriciano é majoritariamente negra.

A relação da escola com o seu contexto social, ocorre, num primeiro momento, vinculada a parcerias estabelecidas com instituições religiosas, no que diz respeito à disponibilização de espaços físicos para o seu funcionamento.

De acordo com as informações contidas no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2019) da escola, ela foi inaugurada em 1965, utilizando duas salas cedidas: uma no templo da Igreja Católica e a outra, no templo da Igreja Assembleia de Deus, ambas situadas no bairro em que a escola está localizada. Desde o seu início, teve como mantenedora a Prefeitura Municipal de Coronel Fabriciano, que construiu o primeiro prédio destinado ao funcionamento dessa escola, com estrutura precária,

a partir de 1971. Em 1974 a escola recebeu o atual³ nome que homenageia um cidadão e político de renome da cidade.

No decorrer dos anos, a escola passou por reformas, ampliações e adaptações, acompanhando o crescimento populacional da região. Atualmente, atende à Educação Básica, ofertando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, totalizando 598 (quinhentos e noventa e oito) alunos, nos turnos matutino e vespertino.

Ainda em consonância com o PPP da escola, é possível afirmar que a estrutura familiar, as condições socioeconômicas e a violência no território em que a escola está inserida são alguns dos desafios que a escola enfrenta.

Em relação aos princípios norteadores gerais de sua proposta pedagógica, o PPP (2019, p.24. Grifos meus.) apresenta o seguinte texto:

I – Princípios éticos da autonomia, responsabilidade, solidariedade e respeito ao bem comum;

II – Princípios políticos dos direitos e deveres de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;

III – **Princípios estéticos da sensibilidade, criatividade, ludicidade e diversidade de manifestações artísticas e culturais.**

Ainda segundo o documento, a proposta pedagógica deverá garantir o cumprimento das finalidades e objetivos expressos no Regimento Escolar da Escola, dos quais destaco:

* reconhecer a importância da identidade pessoal de todos os envolvidos na ação educativa, tendo em vista a situação socioeconômica e cultural, **as questões de gênero, etnia, idade, níveis do desenvolvimento intelectual, afetivo, físico e psicológico da criança.** (PPP, 2019, p.24 - 25. Grifos meus.).

Diante do exposto, no que diz respeito às relações étnico-raciais, elas são mencionadas neste documento, de forma genérica, apenas neste trecho. O que

³ O nome da escola será preservado.

nos permite indagar a falta de objetivos direcionados à uma prática que promova a identidade negra e que auxilie no combate ao racismo.

Tendo em vista que as crianças participantes desta prática estão cursando o Ensino Fundamental - Anos Iniciais, é necessário observar quais são os objetivos para este grupo, elencados no PPP:

- O desenvolvimento da capacidade da aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidade (sic!) e a formação de atitudes e valores;
- Realização de um trabalho conjunto entre escola-família- comunidade, para que a criança melhor possa ajustar-se ao seu meio social e afetivamente;
- Desenvolver na criança a capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidade e a formação de atitudes e valores capacitando-a para respeitar, expressar-se, ouvir, esperar e competir;
- Desenvolver a psicomotricidade que favoreça o desenvolvimento da personalidade e melhor prepare para o aprendizado da leitura e escrita;
- Desenvolver o físico e orientar para a preservação da saúde;
- Semear virtudes cívicas, religiosas, sociais e morais que conduzam ao amor à Pátria, ao bem comum e ao respeito com seus semelhantes e à natureza;
- Estimular e incentivar o desenvolvimento cultural da criança;
- Estimular a curiosidade, a iniciativa e a independência da criança;
- Fortalecer os vínculos familiares, os laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se sustenta a vida social. (PPP, 2019, p.29 - 30.).

Os princípios que orientam a Proposta Pedagógica e os objetivos para as crianças que cursam o Ensino Fundamental - Anos Iniciais também não apresentam, nem propõem ações e projetos voltados para uma educação que auxilie na construção da identidade negra e valorização da cultura negra e história africana e afro-brasileira.

Em relação aos objetivos para as crianças que cursam o Ensino Fundamental - Anos Iniciais em tal proposta pedagógica, além de não apontar para uma prática de valorização da identidade e cultura negra, demonstra adotar uma postura de inércia em relação à realidade vivida pelos alunos ao utilizar o termo “ajustar-se”, no seguinte trecho:

- Realização de um trabalho conjunto entre escola-família-comunidade, **para que a criança melhor possa ajustar-se ao seu meio**

social e afetivamente; (PPP, 2019, p.29 - 30. Grifos meus.).

Tal inércia pode estar ligada aos desafios enfrentados pela escola e que foram citados no PPP, principalmente sobre o contexto da violência no território em que a escola está inserida, tornando desafiador a abordagem de temáticas consideradas difíceis para se discutir.

Desta forma, é possível afirmar que ações e projetos que valorizem a identidade e cultura negra e também a história africana e afro-brasileira, bem como o combate ao preconceito e o racismo dentro desta escola, acontecerão mediante o comprometimento de trabalho independente do professor que se dispôr a ir além do que estabelece o Projeto Político Pedagógico da escola.

2. Os protagonistas da prática

As crianças, personagens centrais do “Projeto Interdisciplinar - Diversidade Étnico-Racial na Literatura”, são em sua totalidade, residentes da cidade em que a escola está inserida. São alunos do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, com a faixa etária de 10 e 11 anos. A turma possui 24 estudantes, sendo nove meninos e 15 meninas, e baseado na heteroatribuição de pertença, é possível considerar que pelo menos 70% delas são negras (pardas e pretas). Desta forma, em relação às características raciais da turma, sob minha perspectiva, o quantitativo de estudantes pardos e pretos é superior ao que o Censo Demográfico (2010) aponta.

De acordo com O Sistema Classificatório de “Cor” ou “Raça” do IBGE (2003, p.7), “um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de uma classificação, sejam estas manifestas ou latentes.”. Desta forma, entre os métodos utilizados pelo IBGE, utilizei o da heteroatribuição de pertença, onde outra pessoa estabelece o grupo do indivíduo.

Sobre olhar para o outro e para o seu pertencimento racial, Gomes (2002, p.39 - 40) pondera sobre como as crianças negras deparam-se com diferentes olhares e que esses olhares podem se chocar com sua própria visão e experiência da negritude.

Diante deste panorama, enquanto professora regente da turma, e também, aluna do curso de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, percebi que, apesar de crianças pardas e pretas na turma serem a maioria, elas demonstravam pouco conhecimento em relação à diversidade cultural; à ancestralidade; à valorização de sua negritude.

Sobre a *negritude*, Munanga (2009), traz reflexões sobre o que ela significa, apontando-a como instrumento de revalorização e aceitação da herança africana enquanto processo de resgate da identidade coletiva. Para ele, a negritude não se trata fundamentalmente à cor da pele, e diz que:

(...) a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude e/ou a identidade negra se referem à história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome dos negros. A negritude não se refere somente à cultura dos povos portadores da pele negra que de fato são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar, o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (MUNANGA, 2009, p.12).

O autor ainda destaca:

Enquanto uma única pessoa continuar a ser caracterizada e discriminada pela cor da pele escura, enquanto uma única pessoa se obstinar, por causa de sua diferença, a lançar sobre outra pessoa um olhar globalizante que a desumaniza ou a desvaloriza, a negritude deverá ser o instrumento de combate para garantir a todos o mesmo direito fundamental de desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito das culturas do mundo (MUNANGA, 2009, p.13).

Observando que estas crianças não se reconheciam como negras e que, em alguns casos, ainda demonstravam não gostar de seus traços, cor da pele e cabelos, passei a questionar minha prática. Uma dessas crianças, em especial, foi responsável por muitos destes questionamentos. A criança iniciou o ano letivo apresentando uma grande defasagem na aprendizagem e ainda não lia com fluência. Além disso, havia em suas atitudes algumas demonstrações de baixa autoestima. Passei a perceber que ela se entristecia e chorava quando não conseguia realizar alguma atividade que

os demais colegas conseguiram finalizar. Sempre que havia alguma atividade em que a habilidade de leitura tivesse que ser apresentada ao coletivo, esta criança se negava participar e se isolava do grupo.

Recordo-me de uma conversa que tive com sua mãe, no início do ano letivo, onde relatou que a criança não queria ir à escola devido ao cabelo não estar “arrumado”. A criança possuía tranças de material sintético, e por razões financeiras, a mãe não podia fazer a manutenção das tranças no momento. Ela utilizou uma tiara de tecido por alguns dias até que a mãe pudesse pagar para refazer as tranças.

Além desta circunstância, observando também as outras crianças, foi possível perceber que principalmente as meninas com os cabelos cacheados e crespos, não usavam seus cabelos naturais, faziam alisamentos e/ou mantinham os cabelos presos. Em algumas situações, que aconteciam principalmente no momento do recreio, muitas meninas eram ofendidas em função de sua aparência, e estas mesmas meninas, iam ao banheiro para molhar os cabelos, demonstrando assim o quanto essas ofensas abalavam a autoestima delas.

Em consonância com tais observações, Cavalleiro (2005, p. 12), afirma:

(...) que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar.

Também, além das observações sobre como o cabelo afeta a autoestima das crianças negras, é importante refletir sobre seu papel na construção dessas identidades e o quão solitário pode ser para as crianças negras terem suas qualidades, habilidades e culturas invisibilizadas no espaço escolar. Gomes (2003), nos fala sobre como o corpo e o cabelo se localizam em um campo social subjetivo, ou seja, em um campo íntimo, particular, e também, como essa característica pode ser usada para classificar e hierarquizar os diferentes grupos sociais. Para a autora, o cabelo é utilizado como um dos principais veículos de comunicação, produzindo

significados diferentes de cultura para cultura.

Desta forma, para auxiliar as crianças a terem uma vivência escolar capaz de munil-as de informações para construção de uma identidade negra, Gomes (2003, p. 174) afirma que:

O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade. Pode ser, também, um importante aspecto do trabalho com a questão racial na escola que passa despercebido pelos educadores e educadoras. Em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória. Há, também, significações e tensões construídas no contexto das relações raciais e do racismo brasileiro. A discussão sobre a riqueza do trato do corpo negro e sobre os processos de opressão que o mesmo tem recebido ao longo da história pode vir a ser uma rica atividade pedagógica a ser desenvolvida com os alunos e as alunas em sala de aula, possibilitando debates e atividades sobre a história e a cultura afro-brasileira. Nesse processo, um estudo sobre o negro, o cabelo crespo e as práticas corporais pode ser um bom caminho.

Todos esses elementos dialogam com a necessidade que senti de fazer algo para que as crianças, pardas e pretas, e também às crianças brancas, reconhecessem, respeitassem e valorizassem as diferentes identidades que ali conviviam, em busca de desconstruir os estereótipos que eles tanto reproduziam.

3. Abordando as relações étnico-raciais por intermédio da literatura

A proposta do “Projeto Interdisciplinar - Diversidade Étnico-Racial na Literatura” teve como prioridade trabalhar a temática racial durante um período de tempo que fosse além do dia 20 de novembro – Dia da Consciência Negra. Para tanto, iniciei as atividades no mês de setembro de 2022, com previsão de término na semana que fazia alusão ao Dia da Consciência Negra - 20 de novembro.

O objetivo era introduzir no cotidiano das crianças livros literários que apresentassem personagens e protagonistas negros, através de uma visão positiva de valorização das características físicas, da cultura e da sua história. Neste sentido, a literatura infanto-juvenil seria o instrumento principal e fundamental para iniciar esse diálogo.

Mas, afinal de contas, o que é uma literatura infanto-juvenil? Essa é uma pergunta que Lima (2005) faz e também nos traz apontamentos significativos acerca deste questionamento. Para a autora, esse tipo de livro é um auxílio para os educadores, capazes de trabalhar ideias, conceitos e emoções através de uma leitura adaptada para a infância. Ainda, essas narrativas “(...) apresentam o dinamismo das diferentes culturas humanas e o que imaginamos ser um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação” Lima (2005, p.101).

Também é importante destacar as contribuições do trabalho de Kiusam de Oliveira, escritora comprometida com a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU). De acordo com a autora, essa literatura é utilizada recorrentemente para:

(...) empoderar crianças negras mediante personagens como elas, com família, contextos familiares saudáveis, com estratégias capazes de fortalecê-las na superação das práticas racistas no cotidiano, entre tantas outras possibilidades de cruzamentos (OLIVEIRA, 2020, p.8).

Oliveira (2020, p. 9) ainda afirma que:

(...) será preciso que profissionais da educação reflitam sobre a importância de educar para a diversidade partindo de visões outras que não as consideradas oficiais no país. Será preciso um pouco mais de ousadia. Pensar a infância sem deixar de incluir a infância negra passando, portanto, a usar o termo no plural – infâncias -, pois múltiplas torna-se estratégia fundamental, pois só assim conseguiremos avançar nos campos sócio-educativo. Lembrem-se de que estamos falando de negros e negras como maioria quantitativa deste país, portanto, o currículo deve abrigar as questões que os fazem, apesar disso, serem tratados como inferiores, violentos quando vistos, e, quando interessa, serem invisibilizados pela branquitude. O currículo escolar precisa se tornar plural.

Ampliando a discussão sobre a literatura negra, Evaristo (2009, p. 27) afirma que a literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares.

Neste sentido, além de apresentar livros com personagens negros, torna-se necessário apresentar livros escritos por autoras/es afro-brasileiros, com vistas a desconstruir o processo de embranquecimento que envolve os diversos produtos culturais ofertados a essas crianças, inclusive aqueles que estão nas escolas.

Sobre isso, Evaristo (2009, p. 19 e 20) afirma que:

(...) um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral.

Desta forma, compreendendo a relevância de apresentar e discutir a literatura negra para as crianças, elaborei um projeto indicando os objetivos, bem como os livros selecionados⁴ e as atividades a serem realizadas. Com a aprovação da pedagoga da escola, busquei também a parceria de outros professores para realização do projeto, mas não obtive sucesso.

Uma das professoras consultadas não demonstrou interesse e disse achar “difícil” executar um projeto que não estivesse no currículo, enquanto outra professora se mostrou muito interessada e empolgada com a temática, mas não conseguiu inserir o projeto em suas aulas.

Para além das respostas obtidas, minha hipótese é que as professoras consideravam estar abordando a temática, tendo em vista que as apostilas utilizadas na escola trazem em seu conteúdo alguns aspectos da História e Cultura Afro-Brasileira, conforme estabelece a Lei nº10. 639/2003, e também, que o currículo e os outros compromissos que a escola nos impunha deixava pouco tempo para a execução de qualquer projeto que não estivesse pautado nos interesses da instituição.

Diante da ausência de parcerias, procurei a biblioteca da escola para verificar quais livros a instituição dispunha. Antes, utilizei a internet para pesquisar títulos que abordassem a temática e que estavam disponíveis em diferentes formatos digitais e gratuitos, pois assim, os livros que encontrasse na biblioteca da escola completariam minha busca e aumentariam as possibilidades de apresentação dos títulos para as

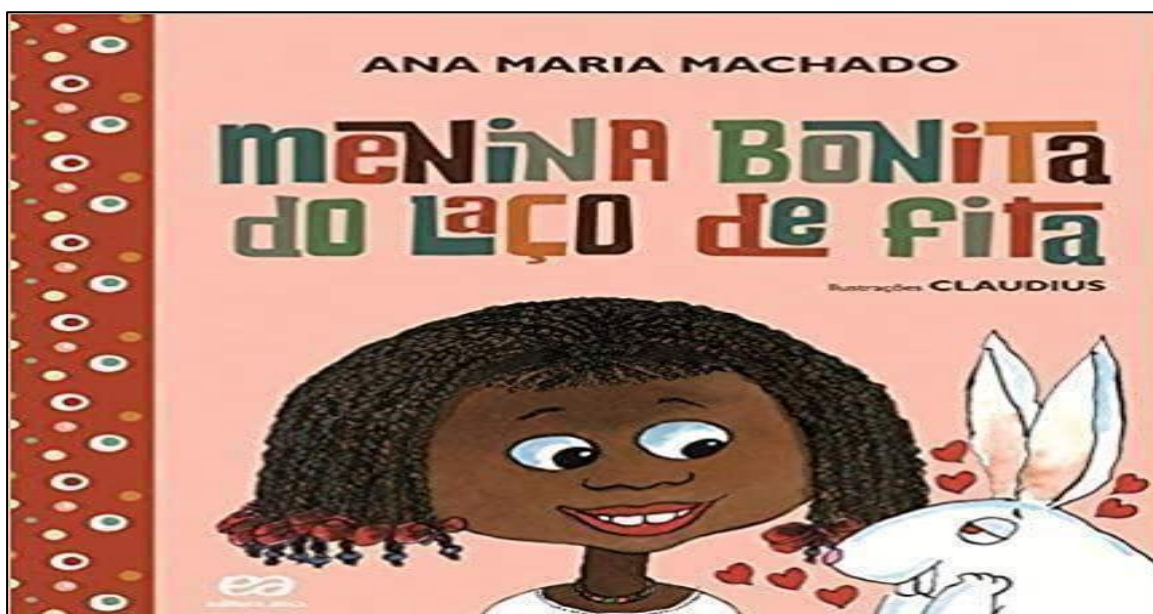
⁴ A consolidação da lista dos livros que seriam utilizados no projeto ocorreu após a busca na internet, uma vez que só conseguiria trabalhar com títulos que estivessem disponíveis para baixar digitalmente e de forma gratuita.

crianças.

É preciso mencionar que a biblioteca da escola é um lugar amplo e possui uma grande quantidade de livros, entretanto, não há um sistema de controle dos títulos, nem tampouco um projeto para que as crianças a utilizem, o que dificulta o trabalho dos professores quando precisam buscar um título ou tema específico. Para encontrarmos algo, era necessário procurar nas prateleiras da biblioteca, uma a uma.

Durante o processo para localizar livros que poderiam atender minha proposta, encontrei somente um exemplar das obras: “Menina bonita do laço de fita” (Imagem 1), “Joãozinho e Maria” (Imagem 2) e “Bruna e a galinha d’Angola” (Imagem 3).

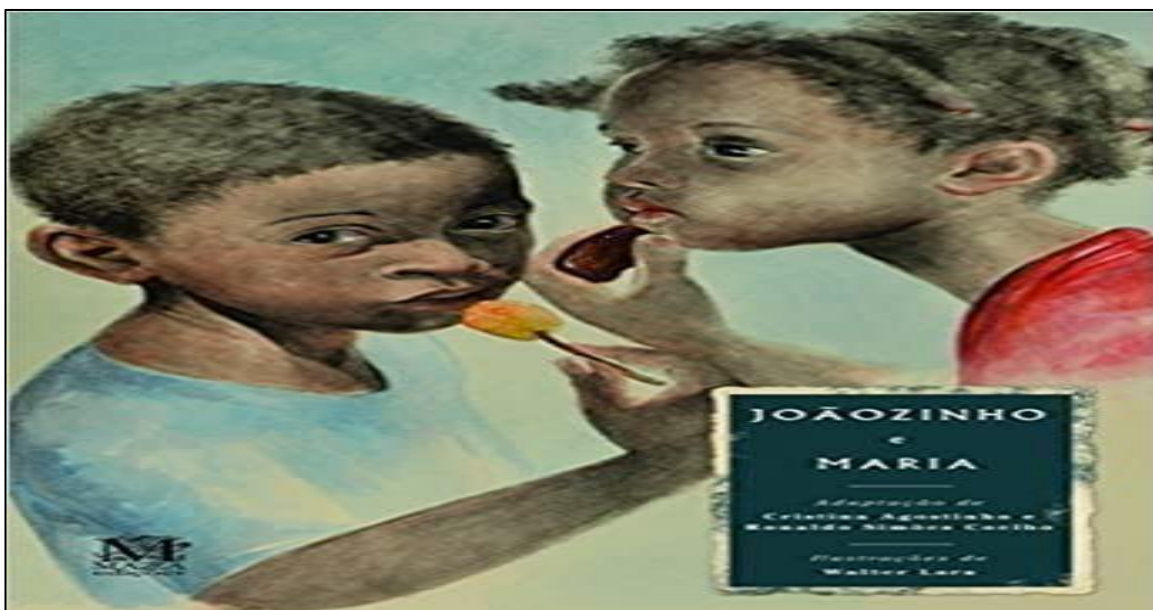
Imagem 1 - Capa do livro “Menina bonita do laço de fita”



Fonte: Imagem retirada da internet.⁵

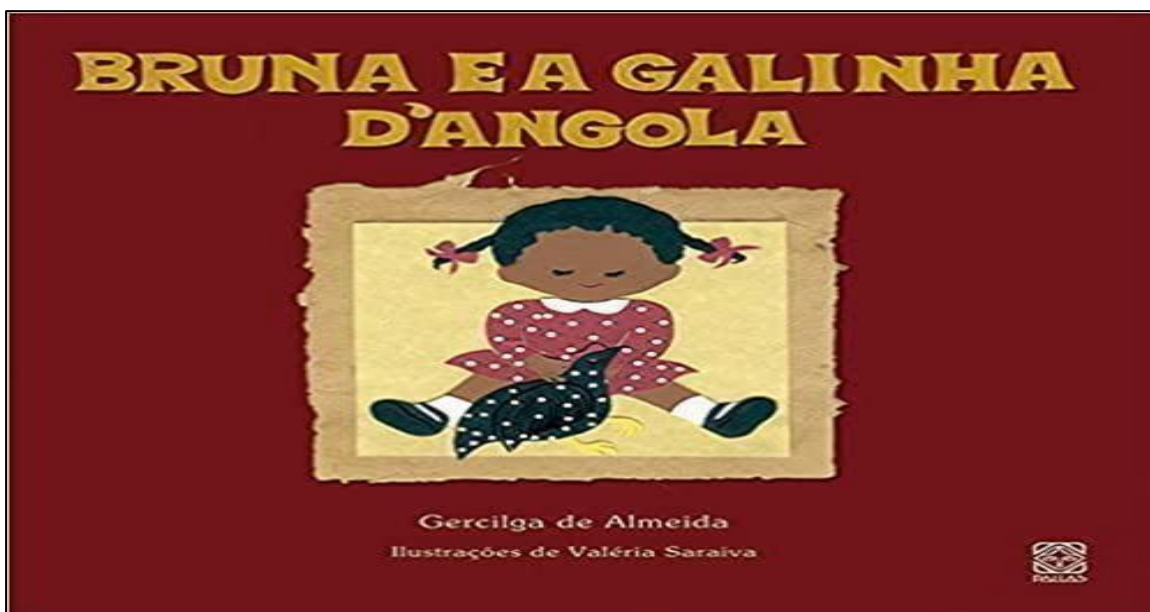
⁵ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Menina-Bonita-do-La%C3%A7o-Fita/dp/8508147597>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Imagem 2 - Capa do livro “Joãozinho e Maria”



Fonte: Imagem retirada da internet.⁶

Imagem 3 - Capa do livro “Bruna e a galinha d’Angola”



Fonte: Imagem retirada da internet.⁷

⁶ Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/joaozinho-e-maria/>. Acesso em: 17 maio. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Bruna-Galinha-D%C2%B4Angola-Gercilga-Almeida/dp/8534702306>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Entretanto, apesar de encontrar esses livros, para conseguir apresentar as histórias para todas as crianças ao mesmo tempo, foi necessário pensar em outras estratégias para este objetivo, pois comprar os exemplares seria inviável, uma vez que eu mesma teria que dispor dos valores.

Desta forma, busquei livros que estivessem disponíveis em PDF na internet e utilizei como recurso material o *Datashow*, onde pude apresentar os livros e vídeos com a contação de algumas das histórias.

Do levantamento realizado, foram obtidas as obras apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1- Relação das obras literárias selecionadas para o projeto

Obra	Autora/Autor	Local/Suporte
As tranças de Bintou	Sylviane Anna Diouf	PDF/Vídeo
Betina	Nilma Lino Gomes	PDF
Bruna e a galinha d'Angola	Gercilda d'Almeida	Livro impresso/PDF
Joãozinho e Maria	Adaptação de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho	Livro impresso/PDF
Menina bonita do laço de fita	Ana Maria Machado	Livro impresso/PDF
Meu crespo é de rainha	bell hooks	PDF/Vídeo
Minha mãe é negra sim!	Patrícia Maria de Souza Santana	PDF/Vídeo
O cabelo de Lelê	Valéria Belém	PDF/Vídeo
O menino Nito	Sônia Rosa	PDF/Vídeo

Fonte: Organização da autora.

O projeto era realizado uma vez por semana, nas quintas-feiras, onde acontecia nossa aula de *Incentivo à Leitura*, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa. Tínhamos pouco tempo para desenvolver a atividade, pois eu executava o projeto no espaço de uma disciplina que tinha seus próprios conteúdos estabelecidos. Desta forma, precisava articular, num espaço curto de tempo, o trabalho com as obras e o conteúdo programático.

Mesmo iniciando o projeto apenas em setembro, as crianças já estavam familiarizadas à atividade de leitura, uma vez que desde o início do ano letivo as crianças realizavam constantes idas à biblioteca da escola para buscar livros literários e levá-los para casa. Desta forma, o projeto foi um aprimoramento de uma prática existente.

Toda semana, em meu momento de planejamento, que ocorriam às segundas-feiras, eu escolhia o livro que seria apresentado na aula da respectiva semana, seguindo a listagem que havia apresentado à pedagoga e também, de acordo com o levantamento de arquivos digitais encontrados na internet.

No momento de apresentar o livro escolhido para a semana, que geralmente ocorria na sala de vídeo, eu apresentava o livro e fazia a contação da história ou apresentava através de vídeos. Além de contar as histórias com os recursos mencionados, apresentava toda riqueza que os livros têm a oferecer, explorando suas capas, suas páginas e tudo o que os compunham.

Em seguida, pedia para que as crianças me falassem o que haviam entendido da história e quais eram suas impressões sobre ela. Nestes momentos, a maioria das crianças se mantinham quietas, demonstrando receio ao falar. Era necessário instigá-las, então realizava perguntas sobre a história, sobre os personagens, sobre o que eles haviam notado em relação aos protagonistas, pedia a opinião das crianças sobre os fatos ocorridos, e assim conseguia uma roda de conversa mais animada e crítica, pois concedia liberdade para que as crianças falassem o que haviam entendido.

Quando percebia que eles não iriam fazer mais comentários, executava a parte teórica, onde entregava as crianças um material produzido por mim sobre o livro escolhido da semana, em folha xerografada, apresentando a sinopse do livro, imagem das capas e também as informações sobre os autores, valorizando assim o material estudado e fazendo seu registro no caderno a partir de perguntas sobre o livro.

Após escutar, discutir sobre as histórias e ler o material escrito, as crianças realizavam uma atividade intrínseca à disciplina de Língua Portuguesa, que se chamava Ficha Literária. Essa ficha era composta de perguntas relacionadas ao livro, editora, autores e também pedia a opinião das crianças quanto ao conteúdo do livro da semana.

Na aula de Arte, que ocorria no mesmo dia em que as crianças conheciam a nova história, elas produziam uma ilustração sobre o livro. Para diversificar, também busquei introduzir diferentes propostas para que os trabalhos fossem divertidos, tais como o teatro e a pintura.

Imagem 4 - Exposição dos trabalhos realizados no Projeto Interdisciplinar - Diversidade Étnico-Racial na Literatura – em alusão ao Dia da Consciência Negra - 20 de novembro



Fonte: Acervo da autora.

4. Os desfechos promovidos pelos debates

Para debater a temática das relações étnico-raciais a partir dos livros trabalhados, senti que era necessário ter cautela, pois era um campo novo para mim e para as crianças, e ainda não sabia como elas reagiriam às histórias. Ao mesmo tempo em que a cautela era necessária, era preciso instigar os alunos a falarem sobre as histórias e os personagens.

O que observei através das rodas de conversa é que apesar de algumas dessas crianças já terem sido vítimas de preconceito e presenciar o racismo, algumas situações vivenciadas especialmente na escola e alguns dos casos relatados por elas, as crianças não sabiam como falar sobre isso, ou como identificá-los. Mesmo sentindo essa tensão, me surpreendi com o que ouvi a cada roda de conversa e a cada livro apresentado.

A partir da troca de ideias e do diálogo que as histórias possibilitavam, consegui observar que muitas crianças se identificavam com os protagonistas. No caso dos meninos, alguns se identificaram com a história do *Menino Nito*, que fala sobre um menino que teve que parar de chorar porque o pai lhe falou que homem não chora.

Depois da história, eles passaram a falar sobre o choro, que podiam chorar se estivessem tristes e que isso não era um problema. Neste momento, é necessário apontar que o projeto foi além do previsto inicialmente, uma vez que além de possibilitar a discussão sobre o preconceito e o racismo, também possibilitou a discussão de gênero e estereótipos que reproduzimos.

Os cabelos foram um dos assuntos mais falados em nossas rodas, pois as crianças, principalmente as meninas, conseguiam se identificar com as personagens e os diferentes tipos de cabelos que os livros traziam. Contavam experiências que tiveram com o preconceito na própria escola, principalmente em relação aos seus cabelos.

Ao trabalharmos com o livro *Menina bonita do laço de fita*, propus uma encenação de teatro a partir da história contada no livro. A turma foi dividida em grupos e os

próprios alunos escolheram os personagens que interpretariam. A personagem principal, em todos os grupos, foi interpretada por uma menina negra.

No dia da apresentação, que ocorreu em nossa própria sala de aula, pude perceber como as famílias dessas meninas também se mostraram presentes naquela atividade, no modo como as meninas estavam arrumadas: todas elas vieram com o cabelo enrolado, não em sua curvatura natural, mas sim cuidadosamente enrolado, partido ao meio, reproduzindo a imagem da personagem principal presente nas ilustrações.

A mãe de uma aluna, uma das protagonistas da encenação, produziu e enviou diversas orelhas de coelho para nossa apresentação sem qualquer solicitação. Entendi sua atitude como forma de aprovação e valorização do trabalho que estávamos desenvolvendo.

Imagem 5 - Encenação de um dos grupos de alunos sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”.



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 6 - Registro dos alunos após as apresentações de teatro sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”.



Fonte: Acervo da autora.

Durante a realização do projeto, as crianças fizeram diversas perguntas sobre o que era o racismo e também conseguiram identificá-lo em algumas das histórias contadas, como por exemplo, na roda de conversa sobre o livro *Minha mãe é negra sim!* que conta a história de uma professora que pede para que seu aluno negro, pinte o desenho da mãe de amarelo, pois considera a cor mais bonita. As crianças se mostraram revoltadas com a atitude da professora. Falavam que isso era preconceito e que o menino estava certo em não seguir os conselhos dela.

As crianças comentavam sobre o tom de pele dos protagonistas, sobre seus cabelos, ou sobre os sentimentos que os personagens demonstravam e que eles conseguiam compreender. Algumas faziam comparações com seu cotidiano, com sua família, ou consigo mesmas.

Quanto às crianças brancas e o comportamento delas, a partir do desenvolvimento do projeto em sala de aula, é possível afirmar que em todos os momentos de leituras dos livros, nas rodas de conversas e nas atividades propostas sobre as histórias apresentadas, demonstraram interesse e empatia acerca das discussões geradas.

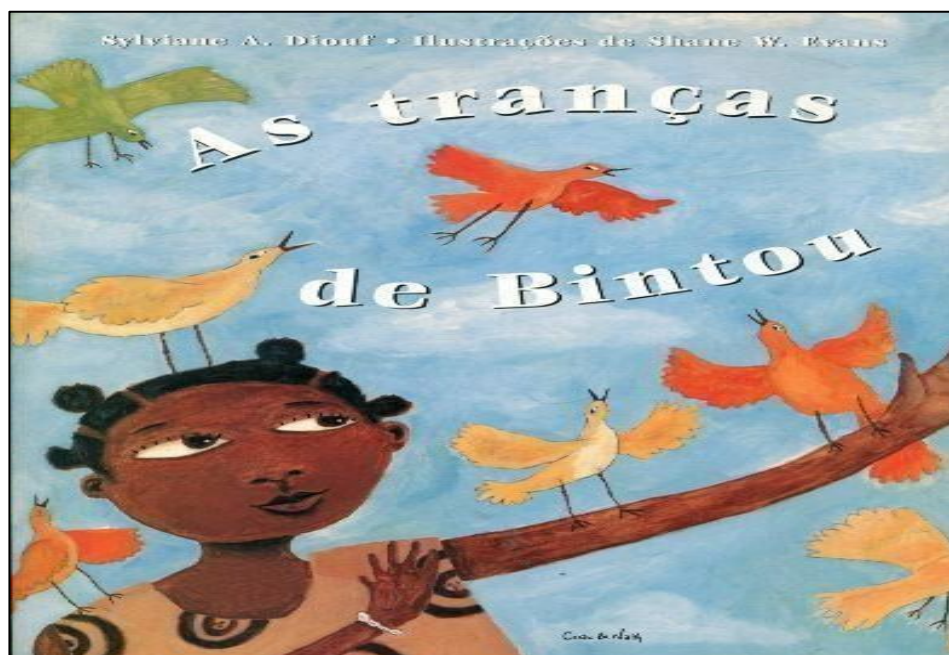
Escutaram sobre a temática com tranquilidade, demonstrando estar atentas às aprendizagens ali geradas e participando com entusiasmo junto ao grupo.

5. Precisamos questionar o sistema (resultados)

Do início de setembro ao dia 20 de novembro, conseguimos realizar o trabalho com sete dos nove livros contemplados inicialmente, sendo *Betina* e *Bruna e a galinha d'Angola* os livros que não foram trabalhados.

Apesar de meus esforços, não foi possível a realização do projeto na íntegra, em vista da necessidade de atender algumas demandas da escola. Ainda assim, sua finalização ocorreu de acordo com o previsto, sendo possível realizar uma exposição de todos os trabalhos das crianças sobre os livros abordados. Com o projeto finalizado e exposto, é necessário realizar algumas reflexões sobre o seu processo e resultados. Neste sentido, as crianças tiveram acesso às seguintes histórias:

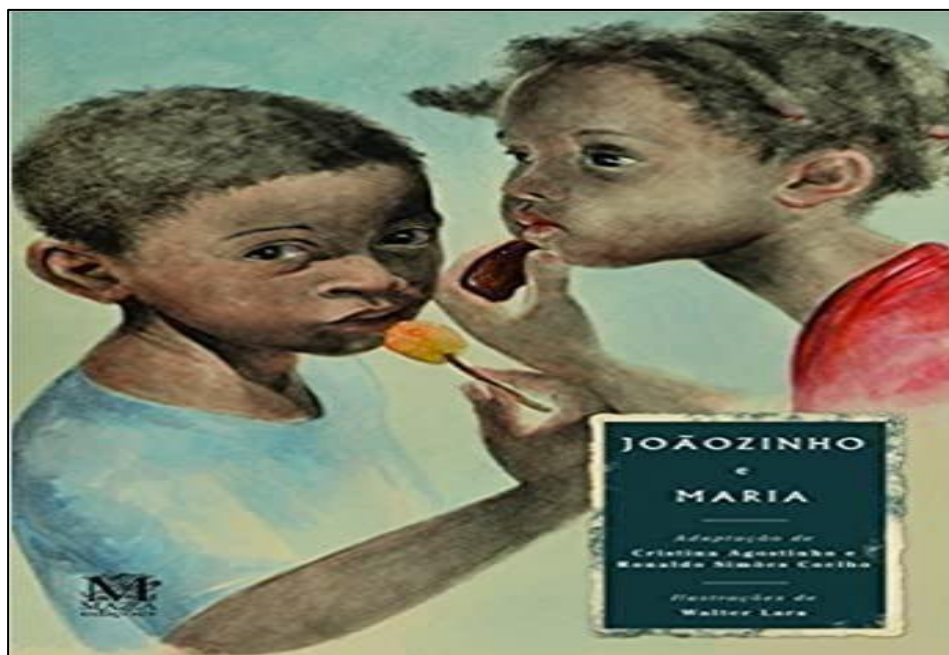
Imagem 7 - Capa do livro “As tranças de Bintou”



Fonte: Imagem retirada da internet.⁸

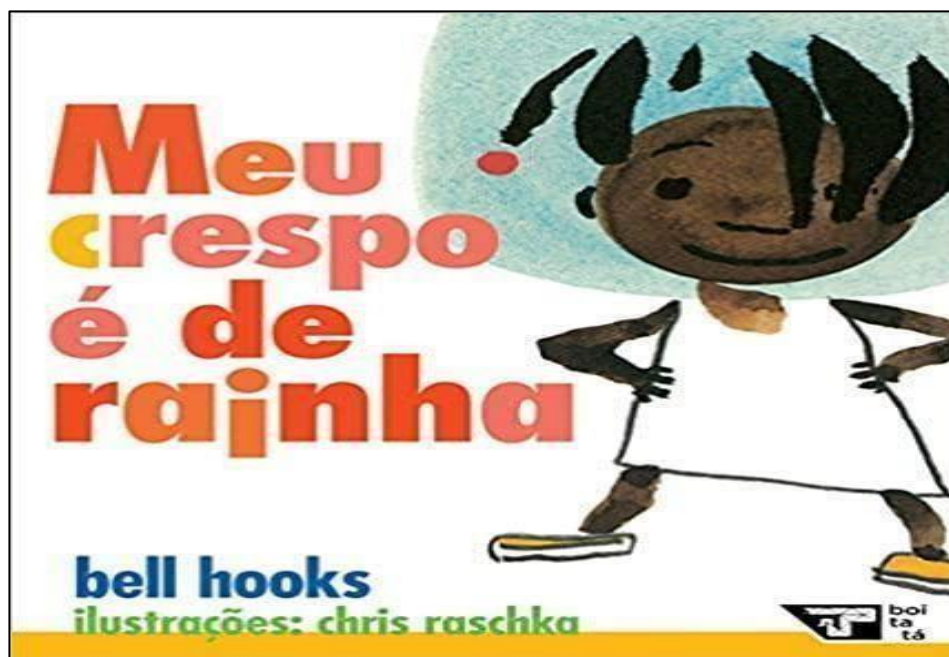
⁸ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/As-Tran%C3%A7as-de-Bintou/dp/857503300X>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Imagem 8 - Capa do livro “Joãozinho e Maria”



Fonte: Imagem retirada da internet.⁹

Imagem 9 - Capa do livro “Meu crespo é de rainha”

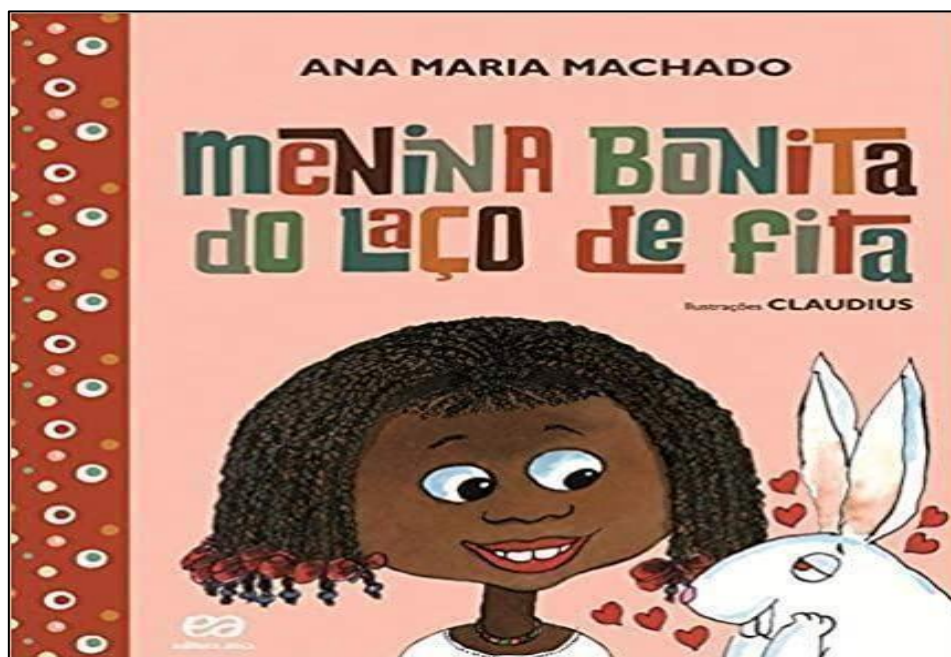


Fonte: Imagem retirada da internet.¹⁰

⁹ Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/project/joaozinho-e-maria/>. Acesso em: 17 maio. 2023.

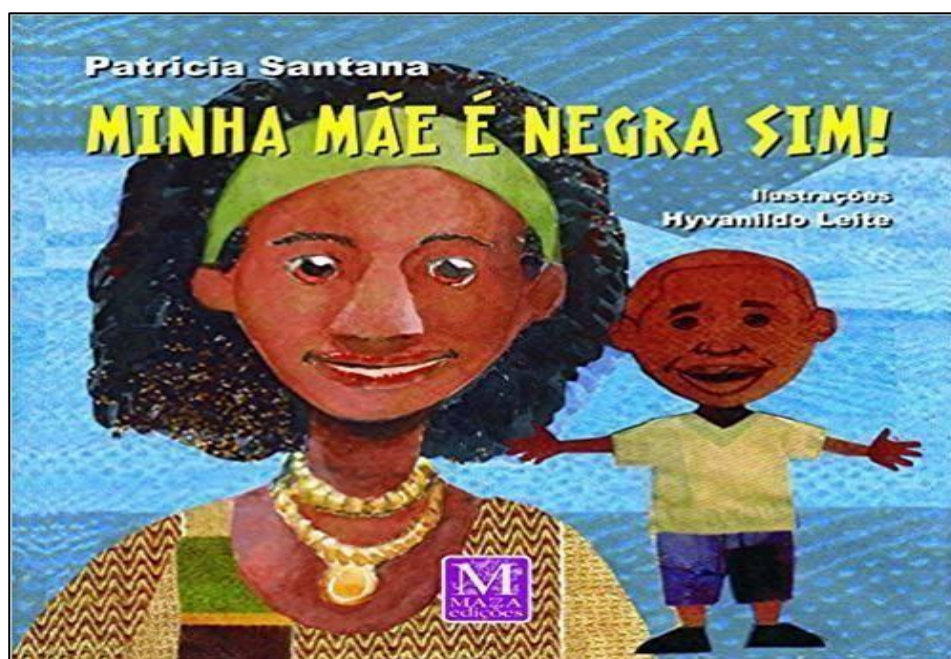
¹⁰ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Meu-Crespo-Rainha-Bell-Hooks/dp/857559608X>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Imagem 10 - Capa do livro “Menina bonita do laço de fita”



Fonte: Imagem retirada da internet.¹¹

Imagem 11 - Capa do livro “Minha mãe é negra sim!”

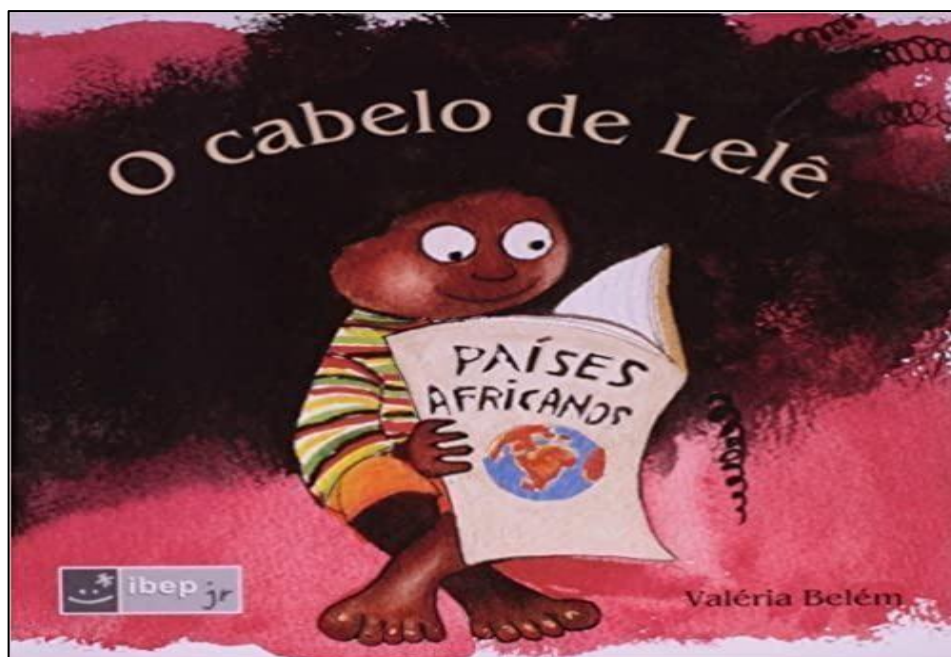


Fonte: Imagem retirada da internet.¹²

¹¹ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Menina-Bonita-do-La%C3%A7o-Fita/dp/8508147597>. Acesso em: 17 maio. 2023.

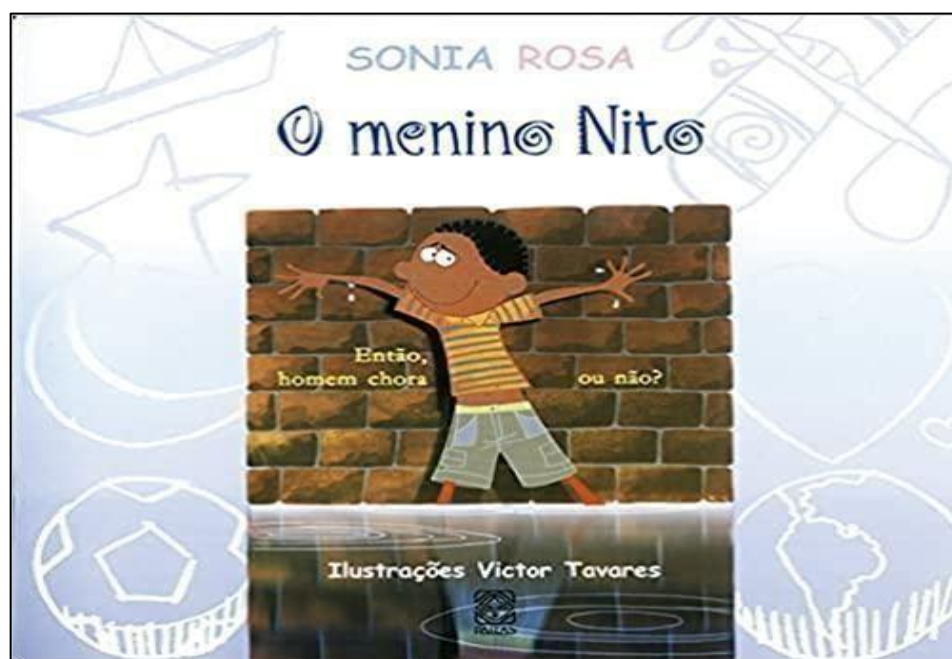
¹² Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Minha-m%C3%A3e-%C3%A9-negra-sim/dp/8571604452>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Imagem 12 - Capa do livro “O cabelo de Lelé”



Fonte: Imagem retirada da internet.¹³

Imagem 13 - Capa do livro “O menino Nito”



Fonte: Imagem retirada da internet.¹⁴

¹³ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Cabelo-Lel%C3%AA-Valeria-Bel%C3%A9m/dp/8534232083>. Acesso em: 17 maio. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Menino-Nito-Sonia-Rosa/dp/853470337X>. Acesso em: 17 maio. 2023.

Em relação ao suporte da escola à realização do projeto, tanto no que tange a disponibilidade de material, como livros que abordem a temática e recursos como folhas, cartazes, etc., quanto na compreensão da sua relevância para o desenvolvimento de uma educação que valoriza as relações étnico-raciais e uma educação antirracista, o que posso afirmar através do que vivenciei, é que apesar de ter tido algum suporte e acompanhado a tentativa de outras pessoas em ajudar ou participar do projeto, o suporte da escola foi insuficiente.

Contudo, o silêncio quanto a temática foi o que mais me incomodou. Quando falo em silêncio, falo também em omissão. Em um ambiente escolar, onde é dever de todos os envolvidos no processo do educar, buscarem discutir temas, mesmo que complexos, e auxiliar as crianças em seu pleno desenvolvimento, o fato de não promover práticas conscientizadoras e a valorização de culturas e vivências distintas, não falar sobre o preconceito e sobre o racismo, é alarmante e precisa ser repensado.

Através deste projeto, observei que mesmo executando um trabalho pequeno em relação aos conteúdos do currículo, com poucos recursos materiais e pouco tempo disponível, com parceria e suporte insuficiente, a amplitude que ele proporcionou através dos diálogos desenvolvidos, mostra que as crianças estão prontas para falar sobre muitos assuntos que os adultos preferem se calar.

É possível acreditar que, para muitas daquelas crianças, o pouco tempo que tivemos para conversar sobre a cor da pele, seus cabelos, suas origens, sua ancestralidade, sobre o preconceito que algumas já sofreram, sobre compreender o que é o racismo, será fundamental para uma perspectiva positiva sobre quem elas são.

Grande parte destas crianças continuará nesta escola até o final do Ensino Fundamental, e é de extrema importância que outros projetos sejam realizados, de forma que promova e valorize as relações étnico-raciais e incentive uma postura antirracista. E ao observar que as crianças, inclusive as brancas, demonstraram estar prontas para discutir, compreender e valorizar a cultura afro-brasileira a partir de uma visão positiva, há a necessidade de ações como estas se tornarem permanentes.

Ao iniciar este projeto, tinha uma breve ideia do que as crianças poderiam acrescentar em nossas rodas de conversa e em nossa prática. Mas o que não imaginava é como o preconceito e o racismo marcam essas crianças, mesmo com tão pouco tempo de vida e como essas observações e relatos me marcariam.

Sendo assim, presenciando no dia a dia os benefícios de abordar as relações étnico-raciais dentro da sala de aula, é impossível que a partir daqui eu me omita. Para os próximos anos, enquanto estiver lecionando, meu objetivo será o de desenvolver essa e outras práticas que promovam a valorização da cultura afro-brasileira e que nos permitam discutir sobre o preconceito e o racismo, e que esse diálogo possa ir além da minha sala de aula.

6. Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi o de compartilhar uma prática que ocorreu através da implementação de um projeto que apresentou livros literários com personagens e protagonistas negros através de uma visão positiva de seus traços, cultura e história, para crianças do 5º Ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, em uma escola municipal da cidade de Coronal Fabriciano/MG.

A prática apresentada neste trabalho surgiu após diversas observações de situações em que as crianças demonstravam pouco conhecimento em relação à diversidade cultural; à ancestralidade; à valorização de sua negritude.

Em diálogo com grandes intelectuais negros, como Cavalleiro (1998); Evaristo(2009); Gomes (2002, 2003 e 2005); Lima (2005); Munanga (2009); Oliveira (2020);Sousa (2005), o presente trabalho, baseado nas observações em relação às experiências vivenciadas pelas crianças desta escola, mostra que tais experiências não são isoladas e acontecem em tantas outras, e também, mostra como a escola pode ser um agente, tanto para continuar com a segregação, como para mudar essa realidade e ser difusora da diversidade.

Para tanto, o trabalho buscou também analisar os documentos legais que tratam

sobre a temática, verificando que apesar da prática estar em consonância com a legislação, é insuficiente para garantir a discussão sobre a cultura afro-brasileira no âmbito escolar.

A escola, em relação ao suporte ofertado para realização do projeto, desempenhou uma postura de indiferença, uma vez que pouco auxiliou na disponibilidade de material, como livros que abordassem a temática e recursos como folhas, cartazes, etc., quanto na compreensão da sua relevância para o desenvolvimento de uma educação que valorize as relações étnico-raciais e uma educação antirracista.

No que tange a Lei nº10. 639/2003, que estabelece para as instituições escolares, a obrigatoriedade do ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, em seu currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História brasileiras, observa-se que os livros didáticos obedecem a legislação, entretanto, observa-se que seu conteúdo não é o suficiente para uma discussão sobre as relações étnico-raciais e para a valorização das identidades negras das crianças que ali estudam.

Também foi analisado o Projeto Político Pedagógico da escola, o documento que tem como função ser o instrumento para direcionar as práticas pedagógicas e conduzi-las em prol de uma aprendizagem significativa para as crianças, onde ficou constatado que a respeito das relações étnico-raciais, elas são mencionadas de forma superficial no documento. Além do mais, o Projeto Político Pedagógico da escola não propõe ações e projetos voltados para uma educação que auxilie na construção da identidade negra, cabendo ao professor o comprometimento de propor projetos e ações.

Com o levantamento dos dados registrados no Censo Demográfico (2010) sobre a população da cidade de Coronel Fabriciano/MG, foi constatado que pardos e pretos chegam ao quantitativo de 62% de toda população da cidade e que as crianças participantes desta prática, baseando-se na heteroatribuição de pertença, são pelo menos 70% negras (pardas e pretas), para tanto, faltam projetos em relação ao público.

No decorrer da prática, com a apresentação de livros literários com personagens negros, com características fenotípicas mostradas de forma positiva e através de rodas de conversa sobre as histórias, muitas crianças se sentiram à vontade para compartilhar experiências e dores que foram silenciadas ao longo de suas trajetórias.

Para tanto, o que posso considerar é que através da inserção dos livros literários com protagonistas negros, possibilitou-se que as crianças tivessem acesso à diversidade étnico-racial e uma visão positiva da cultura afro-brasileira através de uma linguagem condizente com suas idades. As discussões geradas no decorrer das leituras foram fundamentais para que as crianças negras demonstraram um sentimento de pertencimento e empoderamento e que as crianças brancas, por sua vez, respeitassem e valorizassem as diferentes identidades com as quais conviviam daquele espaço.

7. Referências

BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Brasília, 2003. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 13 nov. 2022.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Brasília: MEC, 2004. Disponível em:

<https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/diretrizes.pdf> Acesso em: 07 maio. 2023.

BRASIL, Lei Nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: MEC, 2013. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm

Acesso em: 25 jan. 2023.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/212430153/Do-silencio-do-Lar-ao-silencio-Escolar>

Acesso em: 25 nov. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

Disponível em: [Vista do Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade \(pucminas.br\)](http://pucminas.br) Acesso em: 23 jan. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Belo Horizonte. Aletria, 2002.

Disponível em: <https://www.formacaocaleidos.com.br/files/Educacao-e-Indentidade-Negra.pdf> Acesso em: 13 nov. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27905/29677> Acesso em: 28 nov. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Secretária de educação continuada, alfabetização e diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, 2005 – Coleção para todos. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf> Acesso em: 13 nov. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coronel-fabriciano/pesquisa/23/25888?detalhes=true> Acesso em: 13 nov. 2022.

Educação anti-racista: caminhos pela Lei n. 10639/03. Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005 – Coleção para todos. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000143283> Acesso em: 25 nov. 2022.

LIMA, Heloísa Pires. In Munanga, Kabengele. **Personagens negras: um breve perfil na literatura juvenil. Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC/SEF, 2005. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf Acesso em: 12 jun. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Disponível em <https://lelivros.digital/book/baixar-livro-negritude-usos-e-sentidos-kabengele-munanga-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 24 jan. 2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes e ALMEIDA, Claudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Vitória da Conquista, 2021. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 13 nov. 2022.

OLIVEIRA, Kiusam. **Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil.** Abatbirá - Revista De Ciências Humanas e Linguagens. Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII. V. 1, N. 1, jan. – jun. 2020, p. 1-12. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8845> Acesso em: 23 jan. 2023.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **Texto para Discussão nº 996 . O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE.** Brasília, 2003. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/confest_e_confefe/pesquisa_trabalhos/arquivosPDF/M255_02.pdf Acesso em: 21 jan. 2023.

Projeto Político Pedagógico - 2019 (PPP) da escola municipal de Coronel Fabriciano/MG.

SOUSA, Andréia Lisboa de. **Representação afro-brasileira em livros Paradidáticos.** Versão ampliada e revisada de um artigo publicado pelo MEC/SECAD (Sousa, 2005). Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/51-andreia-lisboa-de-sousa-representacao-afro-brasileira-em-livros-paradidaticos> Acesso em: 02 maio. 2023.